

S E R M A M

DA BEATIFICAC,AM DA S. MADRE

ROSA DE S. MARIA,

RELIGIOSA PROFESSA DA TERCEIRA REGRA
DA ORDEM DOS PREGADORES:

N^o ULTIMO DIA DA OUTAVA,
*que celebráão os Religiosos do Mosteiro de S. Domin-
gos, & Religiosas do Convento de IESU, na
Villa de Aveiro.*

Esteve o SANTISSIMO SACRAMENTO exposto.

FOI PREGADO

POR ALVARO DE ESCOBAR ROUBAM,
Prior da Paroquial Igreja de Agueda, & Proto-
notario Apostolico de sua Santidade,
em 25. de Novêbro de 1668.

OFFERECIDO

AO M. R. P. D. BERNARDO DE S. MARIA,
Conego Regular do Grande P. S. Agostinho, Lente de Theologia
Moral Procurador geral na Corte de Lisboa, Prior & Prelado duas ve-
zes do Mosteiro de Grijò, Vigairo do Real Mosteiro de S. Cruz,
& Primeiro Diffinidor da sua Religião sagrada.

L I S B O A. *Com as licenças necessarias.*
Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor
da Casa Real. Anno M.DC.LXX.

SER M A M

DA BEATHICACAM DA S. MADR

ROSA DE S. MARIA

RELIGIOSA PROFESSA DA TERCEIRA REGIA
DA ORDEM DOS PREGADORES.

Nº ULTIMO DA OULTIMA

que celebrou os Religiosos do Mosteiro de S. Domingos, & Religiosas do Convento de IESU, na

Villa de Alvega.

Esteve o SANTISSIMO SACRAMENTO expollo.

FOI PREGADO

POR ALVARO DE ESCOBAR ROUBAN

Prior da Paroquial Igreja de Agueda & Prior

notario Apostolico de sua Santidade,

em 25 de Novembro de 1688.

OFFRECIDO

AO M. R. P. D. BERNARDO DE S. MARIA

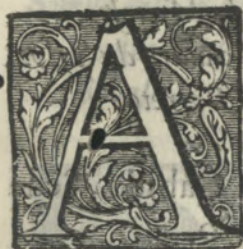
Com Regula do Grande R. S. Agostino. Leitor de Theologia Moral, Procurador geral do Convento de S. Domingos, & Religiosos do Mosteiro de S. Domingos, Vigario do Real Mosteiro de S. Clara, & Primeiro Diffinidor da sua Religiao sagrada.

L I S B O A.

Na Impressão de Antonio Caspbeck de Mello, Impressor da Casa Real. Anno MDCLXXX.



DEDICATORIA.



Devação da Beata ROSA DE SANTA MARIA deve este Sermão os aplausos, que a elle se não devião: E o sabir a luz, ao gosto, & imperio daquelle sagrado Cõvento, donde o prèguei. De modo, que me não ficou liberdade, mais que para a dedicatoria; E se por impossivel, pudesse o tempo fazer os estragos, que costuma, em obrigaçoens de amizade, a mesua Santa me livrara de ingrato (que não fora o menor milagre) porque pella fragrancia de ROSA, me fizera lembrar da suavidade do Nardo, de que se compoem o nome de V. P. E juntamete do sobre nome, que tambem he de SANTA MARIA. Deos guarde a V. P. muitos annos, Agueda de Dezembro 10. de 1668.



Alvaro de Escobar Roubão.

LICENÇAS.

Vistas as informações, pôde se imprimir o Sermão incluído, & impresso tornará para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 18. de Junho de 1669.

Diogo de Sousa. Fr. Pedro de Magalhaens.

Manoel de Magalhaens de Menezes.

P. Verissimo de Lancastro. Alexandre da Sylva.
Francisco Barreto.

Pode se imprimir. Lisboa em Cabido, Sede vacante 22. de Setembro de 1670.

Peixotto. Cama.

Que se possa imprimir este Sermão, vistas as lições do Santo Officio, & Ordinario, que se apresenta, & depois de impresso tornará a este Tribunal para se taxar, & conferir, & sem isso não correrá. Lisboa 23. de Setembro de 1670.

Lemos. Miranda. Carneiro.





Simile erit Regnum Cælorum decem Virginibus: quæ accipientes lampadas suas exierunt obviam Sponso, & Sponsæ. Matth. 25.



DESEMPENHADO parece que temos hoje o Ceo, de hũa divida grande em que estava à terra ; porque se a terra tem dado ao Ceo Virgens, q̄ assistiaõ, & seguiãõ ao Cordeiro de Deos, para onde quer que hião:

Virgines enim sunt: hi sequuntur agnum quocumquejerit. ^{Apoc. i4}

Hoje vemos, que o mesmo Cordeiro de Deos segue, & assiste a hũa Virgem Bemaventurada, em cada hum dos innumeraveis, & illustres Conventos, em que suas memorias suavissimas se festejaõ: & logo (inda que não fosse advertido) pudera entêder, que não havia de faltar nesta solemnidade, & festa aquella soberana, & ineffavel presença ; porque se a quelle Paõ, que deceo do Ceo he alimêto de Anjos: *Angelorum esca*, & os Anjos, como diz o Angelico Doutor S. Thomàs, são irmaõs das Virgẽs: *Vir-* ^{S. Tho.}
ginitas est soror Angelorum. Claro he, que nas vodas de huma Virgem esposa, se havia de pôr a mesa cõ

o mesmo Pão, de que se alimentão os Anjos.

Maiormente, quando aquelle Senhor tomou para si o proprio nome desta sua Esposa, quando não bastasse o ser Esposa sua. O nome, que aquelle Senhor para si tomou foi o de ROSA: *Ego Flos campi*. Outra letra tem: *Ego ROSA*. Daqui serà gabar lhe hũa alma querida, as duas estremadas cores, cõ que o contemplava no Divinissimo Sacramêto do Altar: saõ as cores encarnado, & branco: *Dilectus meus candidus, & rubicundus*. O branco das especies Sacramentaes; o encarnado, ou do fangue, que nos oferece no Sacramento, ou da ROSA, de que no Sacramento se veste.

Pois estas mesmas cores saõ as desta Virgem innocente, desta Esposa querida, desta Alma triunfante, em que o encarnado competio com o brãco. O branco de hũa neve enterrada em cal virgẽ, por diminuir a neve com o encarnado, em que se transformou a belleza do rosto. O que não saberei dizer, he, qual destes dous amantes fez este amoroso roubo; tomou hum do outro a engraçada divisa destas duas cores: se a Esposa triunfa hoje no Ceo, cõ as cores, de que vio a seu amado no Sacramento; se aquelle amantissimo Senhor com as proprias cores de sua Esposa, quiz assistir hoje Sacramentado às festas de tam glorioso triunfo.

Pois com a intercessãõ para alcançar a graça para o acto presẽte, não temo, q̃ me falte a serenissima
Rainha

Rainha dos Anjos, pois he sua a festa, por ser de hũa
 cousa tanto sua. Por mandado, & elleiçãõ da Se-
 nhora se chamou esta Santa menina ROSA DE S.
 MARIA: ROSA DE S. MARIA? Pareciame a mim,
 que tinha mais lugar chamar-se Sõr Maria da Rosa:
 mas ROSA DE S. MARIA? Sim. Quiz a Senhora,
 que se chamasse DE S. MARIA esta ROSA, porque
 quiz a esta ROSA por sua. E naõ sò amantes vejo
 eu a mesmo Deos, & sua Mãy Santissima desta so-
 berana ROSA, mas apostados a quem mais a ha de
 amar: a Senhora lhe chamou ROSA sua; o Senhor
 ROSA de seu coraçãõ: penetrando cada hũ as per-
 feições, & delicias, de que viãõ composta esta Flor,
 coroada esta ROSA, parece, que se naõ fartavãõ de a
 ver, ou que a naõ acabavãõ de louvar.

Destá forte se vê abalado em obsequio, & honra
 deste dia o Ceo, & a terra; o Ceo, com a assistencia
 do mesmo Deos, & sua Mãy Sãtissima; a terra com
 júbillos, aplausos, & repetidas festas a hũa ROSA
 Bemaventurada, por hum coro de Virgês; mas naõ
 saõ ellas sòs, tambem as Virgês do Evangelho com
 suas luzes nos ajudãõ, & acompanhaõ hoje: *Acci-*
pientes lampades suas exierunt obviam sponso, & sponse.
 Sairãõ a receber o Esposo, & a Esposa. A Esposa
 tambem? Naõ saõ ellas logo as que haõ de lograr
 estes desposorios; outra Esposa os logra, & ellas os
 festejaõ; mas quem he esta Esposa, senãõ ROSA, a
 quem Deos pedio se desposasse com elle, & se des-
 posou.

posou. Para o mais, que hei de dizer, recorramos ao Espírito Santo, por intercessão da Senhora. A marè he de ROSAS, boa viagem.

AVE MARIA.

Que seria, se à vista das muitas luzes, que em mãos de outras tantas Virgês nos offerece o Evangelho, perdessemos de vista hũa Virgê Esposa, a que se compàra hoje o Reyno dos Ceos? Succedernoshia o que no Tabor aos Discipulos sagrados; a quem os sobejos de resplandores divinos, com que se toldou o monte fizeraõ cahir cegos, & desmayados por terra: *Ceciderunt in faciem suam*. Mas não permittirà Deos, que em tão alegre dia nos ce-guem de todo o ponto as luzes, que podem enca-minharnos: & mais quando temos, não sò por guia, mas caminho: *Ego sum via*, aquelle Senhor Sacramê-tado. Bem sei, que nestes dias estaraõ tomados os caminhos Reaes, mas tomarei pelos meus atalhos. Vamos assi, & iremos à primeira duvida do sermaõ.

Matth.
17. 5.

Joan. 1.4.
6.

Simile erit Regnũ Cœlorũ decẽ Virginibus. Que o Ceo seja semelhante a dez Virgês, està bem; mas q̄ esta semelhança tenha lugar na festa de hũa Virgem sò? Que hũa só Virgem seja para com o Ceo, o q̄ muitas Virgês? Mysterio deve ser de algum segredo. Hora o segredo, & o mysterio, a meu ver, não he outro, que resumiremse nesta sò Virgem as virtudes, & perfeições de muitas. Das Santas, que coroaõ a Igreja, se excederaõ hũas a outras em differêtes generos

generos de virtudes: hũas no sofrimento da penitência, outras na abstinencia do jejum: estas no fervor da Oração, aquellas na caridade do proximo, & amor de Deos, & se me dessem hũa Virgem, que em todas estas virtudes fosse, não sò exemplo, mas prodigio; que duvida tem, que seria per si só semelhãte ao Ceo. O Ceo não se retrata nos sujeitos, senão nas perfeiçõs, & se em hum só sujeito se acharem as perfeiçõs, que em muitos, porque não será hum retrato do Ceo? Pois este, & esta foi a Bemaventurada ROSA DE S. MARIA, de si só exemplo na Caridade, na Oração, no Jejú, & na Penitência: mas notem quanto maior maravilha, he comparar-se o Ceo a hum sujeito só, que cõpararêlhe muitos; depositarem-se muitos quilates de perfeiçõs em hũa sò Virgem, que nas muitas Virgês do Evangelho. A festa he de hũa Flor, & do Sacramento: o Sacramento, & as flores, nos haõ de fazer a prova.

Não houve flor, ou houve poucas flores, a que o divino Amante nos Cantares se não comparasse: comparouse à Rosa de hum Jardim, cõparouse ao Lyrio dos Valles; comparouse à Flor do Campo; comparouse a outras muitas flores: quiz levantar de ponto a Esposa querida, & disse, q̄ o mesmo Amante divino era hum Ramalhete de flores: *Fasciculus mirrae dilectus meus mihi*. Cõmentou hũ Douto: *Fasciculus ex mirrae floribus*; o meu Amado he hum Ramalhete de odoríferas flores; & q̄ flores pòde aver

a que

Cant. 1.
12.
Virg. in
Expos.

a que o Esposo se não comparasse a si mesmo? Pois se se tem comparado a flores muitas, para que o côpara a Esposa às muitas flores de hum Ramallete? Notem; côparouse o divino Amante a muitas flores, mas flores divididas; hũa Rosa no Jardim, hum Lyrio no Valle, hũa Flor no Campo; mas o Ramallete consta de muitas flores, & todas unidas em hũ sò Ramallete: muito tẽ, q̃ ver na Primavera hũ Campo, hũ Valle, hũ Jardim, semeado de variedade de flores; mas estas flores varias, juntas em hũ só ramallete, se não he mais dilatada vista, he mais gloriosa pãpa. Pois este foi o maior gabo do Esposo, & o será tambem da Esposa ROSA. Resunir em hum só ramallete muitas flores, copiar em hum sujeito só muitas perfeiçoẽs; & quanto mais he muitas perfeiçoẽs em hum só sujeito, que em hum ramallete mnitas flores! Agora o Sacramento.

Cifra das maravilhas de Deos, & a maior maravilha de todas se chama o divinissimo Sacramento do Altar: *Memoriam fecit mirabilium suorum escam dedit timentibus se.* Poz Deos em memoria, & em lembrança a maravilha, que obrou no divinissimo Sacramento: Pergunto: & foi menos maravilhosa obra a da Encarnaçãõ, a da Paixaõ sagrada, a da Ressurreiçãõ gloriosa? Não foraõ tudo obras maravilhosas de Deos, prodigios de seu amor? Sim, mas vejaõ como. Tudo o Filho de Deos obrou, & fez; mas tudo divididamente; encarnou em Nafareth; mor-

reo no Calvario;refuscitou no Horto;& no Sacramento? está juntamente Encarnado, Morto, & Refuscitado. O mysterio da Encarnação, não contém mais, que a Encarnação; o mysterio da Morte, não contém mais, que a Morte; o mysterio da Resurreição, não contém mais, que a Resurreição: só o Sacramento foi copia, & foi desempenho de tudo; contém a Deos Encarnado, por extensaõ; Deos Morto, por representaçãõ; Deos Refuscitado, por existencia; Deos Sacramentado, por essencia; & quem duvida, que he mais que tudo depositar em hum sò mysterio, muitos mysterios, em hũa maravilha sò, muitas maravilhas?

O Bemaventurado Spirito, ò Virgem Bemaventurada! pois em vòs sò depositou Deos todos os me recimentos, que repartidos por dez Virgões as fizeram semelhantes ao Ceo: *Simile erit Regnum Cælorũ decem Virginibus*. E esta Virgem menina aos tres mezes de idade começou a ser copia de prodigios, maravilhas, & aplausos do Ceo. De hũa Virgem sò a muitas Virgões tenho feito differença: falaei agora de hũa Virgem pequenina a hũa Virgem grande; dando a razão de ser mais depositar o Ceo muitas virtudes em hum sò sujeito pequeno, que em hum sujeito, se fosse grande. A razão he, porque depositar muitas maravilhas em hum sujeito grande, he pôr muito, em muito; & em hum pequeno sujeito, he pôr muito em pouco. O muito em muito, não he

he muito; mas o muito em pouco, he realce de hum bom obrar. Outra vez me hei de valer do divinissimo Sacramento.

Joan.6. *Qui manducat meam Carnem, & bibit meum Sanguinẽ in me manet, & ego in illo.* Diz aquelle Senhor Sacramentado; quem come minha Carne, & bebe meu Sangue, fica em mim, & eu nelle. Pergunto. E não bastava, que ficasse em Christo quem o communega, senão, que ha de ficar o mesmo Christo em quem o communega? Ficar o homem em Christo, a quem communega não era encarecida fineza de amor, inda que o mesmo Christo não ficasse no homem? Direi. Ficar o homem em Christo, quando o communega, era ficar pouco em muito; mas ficar Christo no homem, que o cõmunegar, he ficar muito em pouco; ficar a immensidade de Deos em cousa tão limitada como o homem: foi sem duvida, o de que se admirou S. Agostinho: *Non mutabis me in te, sed tu mutaberis in me.* Não me admiro, Senhor, de me unires com vosco no Sacramento, porque isso he pór pouco em muito; o de que me admiro, he de vos unires comigo, porque isso he pór muito, antes hum infinito em pouco; hũa cousa immensa, como Deos, em hũa tão limitada cousa, como o homem! Bendito sejaes, Senhor, pois em hũa Virgem menina, aos tres mezes de idade, começastes a retratar hũa semelhança do Ceo.

Das Virgões do Evangelho não sei mais do que o
Evan-

Evangelho diz; mas da nossa Bemaventurada Virgem, que duvida tem, que foi na terra com mais evidentes mostras hũa semelhança do Ceo? Que outra cousa nos certificaõ os resplandores, de que o Ceo a dotou em vida: Dotou o Ceo a fermosura de seu rosto de hum tão excessivo resplendor, que ao darlhe a sagrada Particula, o Sacerdote retirava a mão. Pois já entãõ os resplandores, primeiro q̃ os concedesse a Igreja? Obras são da Bemaventurança, antes da Bemaventurança? Sim. Avia de cõceder-se a esta Virgem o resplendor de Bemaventurada? Pois se o ha de lograr depois, comece a lograr finaes delle logo: seja logo, o que depois ha de ser.

Toda essa admiravel, & protentosa maquina do mundo era no principio hum nada, & desse nada criou Deos ab mundo, & na creaçãõ do Sol, como se houve Deos? Avendo estado a terra às escuras creou Deos no primeiro dia hũa luz; todavia acõpanhada de trevas: destas dividio depois a luz: *Divisis lucem à tenebris*, & della creou no quarto dia o Sol, como sentem muitos dos Santos Padres: *Fecit que Deus luminare maius*. Esta he a verdade do Texto; entra agora o reparo. E porque não creou Deos nosso Senhor ao Sol no ponto em que creou a luz? fenaõ, que a aparta primeiro das trevas, para se trevas crear depois o Sol? Fundarei a duvida. Se Deos creou de nada ao mundo, não creara tambem ao Sol

quali da

Gen. r

ibi 16.

Forç

Sol de nada? sennaõ de hũa luz, & essa dividida das trevas? Assi foi, porque assi importou, que fosse: todo o mundo no fim do mundo se ha de resolver em nada; & o Sol? O Sol no dia do Juizo ha de luzir sete vezes mais, que nos outros dias: *Lux Solis erit septem pliciter, sicut lux septem dierum.* Pois este foi sã falta o mysterio: o mundo, que no fim do mundo se ha de resolver em nada, criese de nada, seja logo o que ha de ser: mas o Sol, que ha de luzir mais no dia do Juizo, comece a luzir logo, criese de entre hũa luz, & essa bem purificada das trevas: o que ha de ser depois, seja logo. Aquelle soberano, & infavel mysterio, naõ só ha de honrar a solemnidade da festa, mas o sermão.

Isai. 30.
26.

Joan. 6.
51.

No deserto deu o Salvador do mundo, como de sua Mão poderosa, & de sua misericordia infinita aquelle milagroso banquete: & sendo, que dahi a hum anno se avia de Sacramentar no Cénaculo, já nesta occasiaõ fez mençaõ de presente do divinissimo Saeramento, dizendo: *Ego sum panis vivus, qui de Cælo descendi.* Eu sou Pão vivo, que deci do Cæo. Ainda o Senhor se não avia Sacramentado; ainda se não tinha dado em Pão; mas avia de dar-se nelle dahi a hũa anno, & deuse já por feito; esta he a differença dos prudentes, aos ignorantes: os ignorantes só fazem conta do que he, não tratão mais, que do tempo presente: os prudentes lançaõ o pensamento ao diante, entendendo, que he já o que ha de ser.

Puderamos escusar outra prova, tendo de casa hũa taõ verdadeira, & taõ illustre. Que outra cousa foi aquellã tocha, que abrafava o mundo, & vio em si meisma, na boca de hũ cachorro, a mãy de S. Domingos, antes de nascido? A estrella, que com geral resplendor lhe foi vista no rosto, senão hum annũcio, & hum presagio, de que o grande Patriarca cõ sua doutrina, & de seus filhos aviaõ de alumiar ao mundo, querendo Deos, que o que avia de ser depois, fosse logo. Não he logo muito, que do berço, & na meninice começasse a ter sinaes do resplãdor da gloria, quem da gloria avia de receber hoje o resplandor.

Neste resplandor da Virgem ROSA tenho muito para reparar. As Virgens do Evangelho sairãõ com suas luzes nas mãos? *Accipientes lampades suas exierunt.* E a Virgem ROSA traz a sua luz no rosto: & qual serà a razão? A meu ver, consta de dous textos sagrados; o rosto de Moyfes dotou Deos nosso Senhor de hum estranho, & admiravel resplandor; mas este resplandor não quiz Deos, que fosse logrado, senão do mesmo Moyfes; não quiz, que fosse visto dos homẽs; antes os atemorizou, & ao Sacerdote Aaraõ, com ser tanto de casa: *Videntes autem Aa-*

Exod. 34
16.

ron, & filijs Israel cornutam Moyfi faciẽ timuerunt propè accedere. Em Sam Lucas mandou o Senhor a seus Discipulos, que saíssem, & apparecessẽ com suas luzes nas mãos: *Et lucernæ ardentes in manibus vestris,*

Luc. 12.
135.

& por

Matth. 5

& por S. Matheus, q̄ deixasẽ ver estas luzes aos ho-
 m̄es: *Sic luceat lux vestra corã hominibus*. Isso he logo s̄
 differença algũa o q̄ passa entre a Virgem ROSA, & as
 Virgẽs do Evangelho; as Virgẽs do Evãgelho trazẽ
 as suas luzes nas maõs: *Accipientes lampades*, para se-
 rem vistas do mundo; o mesmo Evangelho o diz:
Exierunt obviam. Sairão ao caminho; mas a Virgem
 ROSA traz o seu resplendor no rosto, para que ce-
 gando aos outros, só se veja a si mesma: huma pure-
 za, huma fermosura, hũa ROSA sacrificada a Deos,
 haõ de ver a si só, não se hade deixar ver de outrẽ.
 Muito hei de dever hoje às Rosas, não só por assũ-
 pto do sermão, mas por provas dos pensamentos.
 Provarei este pensamento com hũa ROSA. *VI*
 O Falla o Espirito Santo das almas dos Justos, &
 diz, que são semelhantes a hũa ROSA plantada na
 agoa: *Quasi Rosa plantata super rivos aquarum*. Em ver-
 dade; que pouco teria que fazer, quem na agoa fosse
 plãtar hũa ROSA; & muito menos q̄ fazer teria, que
 a fosse colher na agoa: em hum jardim, em hũa
 orte, em hum canteiro sim, mas *super rivos aquarum*.
 Sobre as agoas? Notem. Posta, & plantada na terra
 hũa ROSA, deixasẽ ver da terra, mas plantada, & po-
 sta na agoa, vesse a ROSA a si mesma na agoa; huma
 ROSA posta na agoa, na agoa se estã vendo a si mes-
 ma; pois isto he o que Deos quer: quer Deos, que
 huma ROSA pura, a fermosura de huma ROSA se
 negue aos outros, & se veja a si só: *Quasi Rosa plantu-*
 ta

Eccl. 39.
n. 17.p. box 1
32p. box 1
32

109 3

ta

ta super rivós aquarum. Antes quero, diz Deos, as mi-
nhas ROSAS na agoa, que na terra; na terra seraõ vi-
stas da mesma terra; na agoa de si só. Quem no
mundo padece o maior engano, saõ as fermosuras
do mundo; porque a presumpçaõ de quererem ser
vistas antes de se verem a si só, as priva de si mes-
mas; a fermosura, que só a si se logra, he hum bem
proprio; a que se deixa ver, he hum bem alheo.

Já o Profeta Isaias ameaçou as Damas de Siao,
com lhes aver Deos nosso Senhor (irado, & offendi-
do) de tirar os espelhos: *Auferet Dominus secula. Re-* Isa. 3. 23
paremos nestes espelhos tirados. Tão grande casti-
go he para tanta offensa, & ira, tirar as Damas de
Syam os espelhos? Fermosura averá, que se jacte
muito de se ver a hum espelho dentro de hú retre-
te, mas muito mais se jactará de ser vista na rua, de
que a vejaõ os outros: pois as ruas, os passeos, & as
vistas, parece, que avia de tirar Deos a estas Damas,
naõ os espelhos; mas por isso mesmo; que a desgra-
ça, & ruina das fermosuras, he serem vistas nas ruas,
& não se verem só aos seus espelhos. O Basilisco
nos seus olhos traz a morte dos outros; a fermosura
nos olhos dos outros tem a sua morte. Pois desta
forte, diz Deos, castigarei as filhas de Syam; casti-
galasci com fazer, que a fermosura, que lograõ, co-
mo bem proprio, & os seus espelhos, sejaõ hum bem
alheo, que o vejaõ os outros, & não ellas. Isto mes-
mo he o que Deos quiz da sua ROSA Virgem: de u-

Ha e a fermosura de ROSA, & hum respládor no rosto, cegando, & atemorizando os outros, para que sò de si mesma fosse vista: Não quero, que huma ROSA minha, huma ROSA do meu coração seja para o mundo, senão para si. Assi quiz Deos que fosse, & assi foi a Santa ROSA: huma Virgem Esposa usando de artificios rigurosos, & violentos para afecar a fermosura de seus olhos, metida em hũa cella de quatro até cinco pés, que outra cousa he, se não fecharse consigo, & fecharse ao mundo? Ah mundo, avias tu de dar hum dia cõ quem te conhecesse.

Qui habitabit in Caelis iridebit eos. Disse o Real Profeta, que quem está no Ceo se ri do mundo: mas quantos se estão rindo no Ceo do mundo, de quem o mundo se tinha rido primeiro. Pergunto. Não se rio o mundo primeiro que se rissem delle, não direi ainda de duas tão grandes Santas, como as duas Marias, Magdalena, & Egypciaca, mas de outras, q̃ em muitos annos se renderão a Deos. Como he certo, que desses poucos annos dados ao mundo, se riria o mundo: mas rir do mundo, primeiro que o mundo se pudesse rir; sò o faz hoje quem triunfa no Ceo; quem do berço para o Ceo não tomou o atalho do mundo.

Promete hum Anjo a Abrahaõ, que Sarà lhe daria hum filho: *Habebit filium Sarà uxor tua;* que fez Sarà: *Risit,* pozse a rir. Vem estes risos de Sarà, pois não me parecê bem. De maneira, que prome-

te o Anjo, que terá Sàra o filho, & risse Sàra da promessa do Anjo? A palavra do Anjo pôde ser materia de riso, & de zombaria? Não foi isso; era Sàra já velha, tinha cahido dos annos, & da idade:

Erant autem ambo senes, & entendeu, q̄ de ella já velha começar a produzir, se avia de rir o mūdo. Pois se o mundo, diz Sàra, se ha de rir de mim, quero me eu hora rir primeiro do mundo: *Sàra risit.* O gloriosa, & ditosissima Virgem, que quando te festeja õ na terra, te estàs rindo no Ceo, sem que o mundo se tenha rido de ti. O crepusculo da Aurora, o nacer do Sol, he hum riso; mas com licença sua, não fei se rirá do mundo, se para o mundo: fei, que se não riráõ do mūdo tão confiadamente, como no Ceo se està rindo hũa Estrella.

E como se não rirá hoje do mundo, quem a nenhuma cousa do mundo tomou o gosto? Que seja possível, que sustentasse a vida huma creatura, sem mais regalo, que em dia de Pascoa, humas hervas amargosas, & a bebida cõtinha feis de animaes? Entedeo, q̄ cada iguaria do corpo, he hũ veneno da alma. Não deixarei passar sã cõsideraçã esta nũca imaginada abstinẽcia, porq̄ cõfesso se me dobrou a devaçãõ, & o espanto: & senãõ, pergũto aos q̄ leraõ vidas de Santos: achãraõ, que nas Tebaidas, & Palestinas se ufasse penitencia semelhãte a esta? Que tem que ver hum jejum continuo, com hũa comida amargosa? Que tem que ver as disciplinas, os cilicios,

cio, as mortificaçoens, & tudo o de mais; com o continuo amargoz de huma bebida! Darei a razão, & darei a prova. O não comer, & as de mais penitencias causaõ pena; mas o beber, & comer amargo dá delgosto; & hum delgosto he mais para sentir, que muitas penas. Tenho dado a razão; vamos agora à prova.

Foi mysteriosa aquella visãõ, que teve o sagrado Apostolo Sam Pedro, faminto, & necessitado de comer em certa occasiãõ: foi a visãõ de hum langol deitado do Ceo à terra, & elle cheo de variedade de animaes immundos: seguiu-se a isto falarlhe, & dizerlhe huma voz por mandado de Deos: *Surge occide, & manduca.* Levantate Pedro, mata, & come. Atemorizou-se Pedro, & respondeo: *Absit Domine, nunquam manducavi omne commune, & immundum.* Senhor, eu comer de animaes immundos? Coula he que nũca comi, menos o farei agora. Estã bem; mas quede o valor atrojado, com que o Apostolo se offereceo em outra occasiãõ para morrer com seu Mestre: *Si oportuerit me mori tecum non te negabo.* Agora tam acautellado, que passa a desobediente? Sem lhe mandar Christo, que morra, se offerece a morrer; & cã mandandose lhe do Ceo, que coma, não come; ainda que seja a mesma morte? Arroje-se, & coma, succeda o que succeder; que aos males da terra, remedio; aos do Ceo, paciencia. Discursarei assun com huma das minhas novidades, sem delicadeza.

Act. 10.
13.

Ibi. 14.

Math. 26.
35.

licadeza. Houve grande differença do que Pedro queria fazer por Christo, ao que o Ceo queria, que fizesse: o a que Pedro se offerencia, era padecer hũa morte: *Si oportuerit me mori tecum.* Cã mandavalhe o Ceo, que comesse nos animaes immundos a mesma morte; *occide & māduca,* & vai muito de padecer, a comer a morte; a morte padecida, dá pena; a morte, q̄ se come, causa desgosto, & mais para s̄tir he hũ desgosto, do que muitas penas: padecer a morte, naõ he muito, mas com ella causará desgosto, que he a maior das penas.

Mysteriosas palavras me parecem as de Job no cap. 10. *Loquar in amaritudine animæ meæ.* Fallarei; diz, & explicarei o amargoz da minha alma: pois a alma come, para sentir amargores? Os amargores só os sente quẽ come. Assim he, mas quiz Job encarecer os sentimentos da sua alma, & encareccuos pelo desgosto, causa o amargoz de hum trago, hum trago amargoso: *Loquar in amaritudine animæ meæ.*

Jã na Cruz tendo o Redemptor do mundo padecido tantos, & tao rigurosos tormentos, lhe deraõ os inimigos a beber fel, & o Senhor: *Cum gustasset noluit bibere;* provou aquella amargosa bebida, & naõ quiz beber. Pois repara em hum trago amargoso, quem está padecendo tormentos tao rigurosos? Que tem que ver o desabrido de hum peccado de fel, com exorbitantes tormentos? Está dito. Os tormentos causavão penas; o amargoz do fel,

causaria desgosto, & eu, diz o Senhor, não me obriguei a padecer desgostos pelos homens, mas penas: padecerei penas, desgostos não.

Atè a Aguia racional, mimoso Secretario, no seu Apocalypse, notou huma mortandade grande; & de toda esta grande mortandade foi causa: fazerem-se as agoas amargosas: em cada amargo trago hia huma morte: *Multi hominum mortuis sunt de aquis quia amara facta sunt.* Bendito sejaes meu Senhor, que a huma Virgem innocente, a huma Donzella delicada, destes com vosso amor tão alentado spirito, que no desgosto, que causa huma comida, & bebida amargosa, tinha depositado todo o seu gosto: mas como gostaria das dilicias do mundo, quem Deos tinha escolhido para dilicia do Ceo?

Com tudo, ao que parece, queixosos podemos estar em parte, nesta occasião, do Ceo; não nos dera o Ceo, não fizera que nacesse esta ROSA em outra melhor terra, senão nas Indias Occidentaes? E já que este thesouro se havia de descobrir em Indias, não seria antes nestas nossas Indias, senão nas de Castella? Confirmado está, que a Fè Catholica se conserva com mais pureza em Europa; de Europa, em Espanha; de Espanha, em Portugal. Pois não nascêra em Portugal huma flor tam bella? Senão em huma terra estéril, menos cultivada da Fè, pois foi este o seu primeiro fructo? Não comigo. Se esta fermosissima, & Bemaventurada ROSA nascêra em
melhor

melhor terra, poderia cuidar-se, que era seu nascimẽto parto da mesma terra; porque conforme a terra, nascem della os fruitos, & as flores, mas nascendo a nossa ROSA de huma terra ainda estèril aos fruitos da Fè, que se ha de cuidar? senão que foi seu nascimento prodigioso, hum prodigio do Ceo, hum empenho da graça, húa obra da Omnipotencia! Quem nos dará a prova? Outra terra, & outra ROSA.

Disse aquelle amantissimo Senhor huma hora, que era sua Esposa, & Santissima Mãe: *Sicut plantatio Rosæ in Jericò.* Semelhante a huma ROSA plantada em Jericò; em Jericò? Não reparo na ROSA, senão na planta. A Senhora nasceo em Nafareth; que razão ha logo, para que nascendo em Nafareth esta purissima ROSA, a fosse plantar em Jericò seu Esposo? Colher Rosas, aonde quer que se achão, està bem: mas nascer em Nafareth huma ROSA, & hir plantala em Jericò o Esposo? Das qualidades destas duas terras se alcança o mysterio. De Jericò disseraõ os seus exploradores, que era terra estèril: *Civitas quidem optima est, terra vero sterilis,* & Nafareth quer dizer terra de flores, terra, que costuma dar as melhores flores; pois não se diga, que esta soberana ROSA nasceo de terra costumada a dar flores, senão de Jericò, terra estèril, para que se veja, que de húa estèril terra não podia nascer taõ engraçada ROSA, veja-se, que não he effeito da natureza, mas da graça.

Eccl.24.
18.

4 Reg.2.
19.

Passemos das flores aos fruitos. Quiz huma alma querida encarecer as perfeiçoens estremadas daquelle amante Senhor, & fallio com dizer, que era como a maçã, ou pomo suave entre arvores silvestres: *Sicut malus inter ligna silvarum, sic dilectus meus.* Como assi? Arvores silvestres produzem suaves pomos? Naõ; mas por isso melino: era seu divino Esposo fruito de toda a graça, & por se naõ cuidar, que na graça deste fruito teve a natureza parte, ponhase entre arvores, que por silvestres naõ costumãõ, nem podem produzir semelhante fruito: os pomos suavissimos daõse nos pomares, & naõ nos bosques; pois ponhase este suavissimo Pomo entre as arvores silvestres de hum bosque, para que as arvores naõ fiquem presumidas, nem com presumpção a natureza: *Sicut malus inter ligna silvarum.*

Atè Zacarias estando mudo, ao nascer do Baptista, fallou ao outavo dia de seu nascimento: *Aper-tum est ilico, os ejus.* Ao dia outavo? Por certo, que a bom tempo veyo a fallar Zacarias depois de em sete dias se ter dito tanto, como se disse deste illustre triunfo, deste glorioso nascimento; mas este foi o melhor tempo de fallar Zacarias; porque foi aquelle o melhor tempo de emmudecer. Era o Baptista Voz do Verbo: *Ego Vox.* Pois quando nasce a Voz do Verbo he o melhor tempo de emmudecer, quem podia presumir, que a geràra; & agora en-tendo

tendo eu o mysterio de nascer a nossa Virgem em Abril, & apparecer o seu rosto feito ROSA aos tres mezes de idade; no mez de Julho. Sim; mas em Julho nascem as ROSAS? As ROSAS tem o seu nascimento na Primavera? Não. No Esio: *Quasi flos Rosarum in diebus vernis*. Pudera logo nascer a ROSA no rosto da Santa, quando ella nasceo, pois era o tempo de nascerem as ROSAS. Oh, que isso passa com as ROSAS, que a natureza produz; mas a nossa ROSA, que he fruto da graça, veyo depois de tempo, porque não ficasse com presumpçoens de a ter creado a natureza.

Pouco, segundo isto, terá a natureza hoje de que estar presumida; mas bem sei eu a quem sobejaõ muitas, & muito poderosas causas de presumpção. Como não estarão presumidas hoje as irmãs desta Esposa Virgem, isto não só porque he irmã sua, mas porque dos que se coroaõ em o Ceo, he a irmã mais moça: *Soror nostra parva, quid faciemus in die, quando aloquenda est*. Diziaõ, & conferião entre si outras Esposas: Que faremos à mais moça de nossas irmãs, *in die quando aloquenda est*, no dia, em que se ha de publicar, & prègar seus louvores: *Soror nostra parva*; he rof a irmã mais moça, he necessario, que ao que lhe faltaõ de annos, supraõ os applausos. Oh, q̄ applausos taõ bem merecidos! Oh, q̄ festa tam illustre, como bem empregada!

Labam teve duas filhas, Lia mais velha, Raquel
mais

mais moça, houve de desposar huma com Jacob, & pello tẽpo, & idade, havia de ser Lia; mas não quiz Jacob senão a Raquel: eis aqui adiantados ao tẽpo, & à idade os menos annos. Se passará para com o Ceo, o que no mndo, em que a fermosura, q̄ foi, não val, mas a que he?

Gen. 42.
15. 16.

Jã no Egypto, para segurar Joseph a vista, & vinda de seu irmão Benjamin, assentou, que ficassem os mais irmãos em refens: *Non ingredimini hinc donec veniat frater vester minimus mittite ex vobis unum, & aducat eum.* E não bastava, que ficasse hum só irmão

Joan. 14.

para segurar a vinda de outro? Deunos a razão, quem causou a duvida: *Frater vester minimus.* Era Benjamin o irmão mais moço de Joseph, & dos irmãos, o mais moço, val por muitos: fiquem logo todos, *ne egredimini hinc*, para segurar a vinda de hum. Dos Discipulos de Christo, o mais moço, que foi o Evangelista Sam João, foi o mais amado: *Discipulus quem diligebat JESUS.* Das Esposas de Deos, a de menos annos, a mais querida: *Cum essem parvula placui altissimo.* Pois se nas leys de amor os filhos, & os irmãos de depois se antepoem aos primeiros, os da velhice aos da primeira idade; razão he, que entre todas seja preferida ao vosso amor huma irmãa mais nova, com não menos perfeiçoẽs, que a mais perfeita. Bem sei, que deu ao Ceo a vossa Religiaõ sagrada coros inteiros de purissimas Virgens; mas a Virgem ROSA he filha da velhice de vosso grande

Pay,

Pay, & vossa irmãa mais nova: *Soror nostra parva*, & ainda que não seja da primeira, ou segunda Regra; tão pouco importa ter hũa terceira no Ceo?

Foi tão ditoso o povo Hebreo, que teve para obrigar a Assuero, Rey da India; não disse bem, para obrigar a Deos, que converteo o spirito de Assuero: *Convertit Deus spiritum Regis in mansuetudinem*. A fermosa Esther, della se valeo o povo, & de suas infinitas graças, bastantes a cativarem o coração do Rey, em cuja presença as primeiras vistas desta fermosura foraõ hum encanto, as primeiras palavras hum feitiço. E donde viria para com Deos tanto poder a Esther, tanta ventura ao seu povo? Vejaõ o que diz o sagrado Texto: *Ipsa autem Rosæo colore vultum perfusa stetit contra Regem*. Entrou Esther ajudada de Deos na presença do Rey da India, com o rosto transformado em ROSA: *Rosæo colore*, & quẽ teve na India a huma ROSA por terceira, certas se podia prometer as maiores venturas. Tomou o povo da India por terceira a Esther transformada em ROSA, porque ter por sua huma ROSA, huma terceira, & huma India, he ter da sua parte a Deos!

Com hum só escrupulo me deixa hum milagre, que desta Bemaventurada Virgem se me communicou, porque me faz cuidar, que não pertencia a esta Religião sagrada; antes, que para esta sagrada Religião a tomou como por força o Ceo: foi o caso; que estando a Santa ROSA para entrar Freira em hum

hum Convento da Religião Serafica, se foi despedir de Santa Catherina de Sena no seu Altar de hũ Convento de Sam Domingos; despedida, se quiz levantar, & naõ pode, por se lhe haverem pegados os joelhos na lagem: conheceo, que era impulso do Ceo, & fez voto a Deos, de que sendo servido se levantasse, seria para tomar o habito de S. Domingos: assi succedeo em tudo. Pois assi violêra o Ceo as vontades, assi faz força aos alvedrios? Não deixara professar esta Virgem no Convento de que avia feito primeira eleição? Hora eu naõ duvido, q̄ fosse isto huma como violencia, que o Ceo fez à Santa, mas foi violencia muito justificada; & senão pergunto: Não foraõ os Religiosos da Ordem dos Prègadores os primeiros, que nas Indias Occidentaes, & cidade de Lima, patria desta illustre Virgẽ, semeàraõ o Graõ de Mostarda Evãgelico? fizeram guerra, & vencèraõ com a prègação da Fè ao inimigo infernal? Pois de quem havia de ser a Arvore primeira, que nasceo daquelle Graõ, o premio, que se devia àquella vitoria?

Entre as vinhas de Thamnatha matou Samsam com estranho valor hum enfurecido Leão. Voltou pello mesmo caminho, quiz ver o Leam, que havia morto, & violhe na boca hum favo de mel: *Ecce examen apum in ore Leonis erat, ac favus melis.* Deste favo lancou mão Samsam, & foi comêdo pello caminho: *Quem cum sump sisset comedebat in via.* Parecêra

Jud. 14.
7.

Ibi. 8.

cera indigna do valor, com que Samsam matou o Leam, a acção de lhe comer o favo. Que mais queria Samsam do Leam, que have-lo morto? Queria-lhe o favo. Não matou Samsam o Leam? Pois não era bem, que outrem lhe comesse o favo. Terà logo a Religiaõ Serafica muitas razoens de enveja, mas nenhũa razão terá de queixa de o Ceo lhe haver tirado para a Religiaõ insigne dos Pregadores este venturoso premio de seu trabalho, & de seu officio. Vós, & os vossos trabalhastes por destruir, & matar nas Indias Occidentaes ao Leam infernal; pois lograi agora o favo de mel: vosso he; muito bõ proveito vos faça: nem he muito, que ao beneficio de huma ROSA devaes hum favo de mel, que tambem o mel se tira das ROSAS.

Já na verdade de hum Texto sagrado se disse: *Plantate vinias, & comedite fructus earum*, que cada hum II. 37. 10. comesse os fruticos da vinha, que plantou. Não feria logo justo, que huns plantassem nas Indias de Castella a vinha do Evangelho, & outros lhe comessem o fruto; & que fruto, como huma ROSA triunfante.

E mais quãdo logramos hoje esta ROSA enxertada naquella verdadeira Vide do Sacramêto: *Ego sum Vitis vera*, Vide, que tambem dà ROSAS, como diz S. Bernardo: *Floret in vite ROSA rubens, & Gardens*. E por se não duvidar, que do Sacramento fallava Christo, quãdo se chamou Vide, diz logo o Senhor:

Qui

Joan. 15.
1.

S. Bern.
de Pass.
Dfii c. 33.

Qui manet in me, & ego in eo hic fert fructum multum. O
 que ficar nesta Vide de meu Corpo Sacramentado,
 & eu nelle colherà muito fructo, & acrescenta: *Si*
manferitis in me quodcumque volueritis potestis, & fiet vo-
bis, tudo o que quizeres podereis, & tudo vos serà
 concedido. Mas que pedireis, ou querereis pedir a
 vosso Esposo, fermosissima ROSA, enxertada na
 quella soberana Vide? Pedir-lheis para toda a
 Christandade fructos na Fè, decoro nos Sagrados,
 pureza nos costumes. Pedireis para a vossa sagrada
 Religiaõ dos Prègadores augmentos nas virtudes,
 applausos no nome, dilataçaõ nos sojeitos, fervor
 nas prègaçoens. Pedireis para este vosso illustre, &
 exemplar Convento conservaçaõ em seu Religio-
 so esta lo, auxilios na graça, premio de merecimen-
 tos. Pedireis para este nosso Reyno de Portugal,
 & o vosso de Castella firmeza na paz, concordia, &
 amizade possuida. Pedireis a vosso Esposo, Espos-
 sa de Deos, Alma triunfante, Virgem innocente,
 ROSA Bemaventurada, para todos nõs muita graça
 nesta vida, & na outra eternidades de gloria:

Ad quam nos perducatur, &c. Deus Pater,

Deus Filius, Deus Spiritus Sanctus.

Amen.

João 15.
 João 15.
 João 15.
 João 15.
 João 15.
 João 15.
 João 15.
 João 15.
 João 15.
 João 15.

Qui